



Fonte: Acervo do Projeto Kywagã

PROJETO KYWAGÃ: MODA INDÍGENA BAKAIRI

Graça Graúna (Indígena Potiguara/RN)
grauna3@gmail.com

O presente relato foi escrito na primeira quinzena de Abril indígena 2021, com base nos depoimentos de duas mulheres indígenas do povo Kurã Bakairi (MT): Darlene Yaminalo Taukane (Mestre, Pedagoga) e Isabel Taukane (Publicitária).

Por telefone e por e-mail, conversei com Darlene Yaminalo Taukane e Isabel Taukane. Percebi nelas a satisfação ao comentarem que o projeto Kywagã, de moda indígena Bakairi, foi contemplado pela Lei Aldir Blanc. Elas também falaram da profunda tristeza diante do luto que se espalhou na aldeia com a Covid-19; descreveram a respeito da experiência das mulheres indígenas na Oficina de Estamparia e de como as cursistas reagiram ao saber da perspectiva de contarem, também, com uma renda familiar (sobretudo num período em que o mundo vive a tragédia de uma Pandemia). Isto também quer dizer que as mulheres do povo Kurã Bakairi/MT estão recuperando, aos poucos, a força de viver. Não é que elas perderam a fé na vida, mas passaram por um grande e tenebroso abalo diante da perda de entes queridos vitimados pela Covid-19 e do avançado índice de mortalidade que se espalha pelo planeta, com a Pandemia.



Fonte: Acervo do Projeto Kywagã

Por outro lado, algumas notícias positivas foram chegando e acompanhadas de fotos em que um grupo de mulheres guerreiras busca no grafismo ancestral um meio de recuperar o fôlego, de tocar a vida e garantir a renda familiar por meio da cultura e da história do seu povo.

Para saber mais do projeto Kywagã, o depoimento que segue nos convida a refletir o lugar da cultura indígena durante a pandemia; o uso do grafismo ancestral na Oficina de Estamparia e a renda familiar. Nesta perspectiva, a publicitária Isabel Taukane comenta:



Fonte: Acervo do Projeto Kywagã

O projeto de moda Bakairi

Com a Lei Aldir Blanc, entramos na categoria de moda. Nós temos uma cultura tradicional que é muito genuína. A gente contribui muito para a cultura

indígena brasileira; temos também a cultura indígena contemporânea no contato com os não indígenas e com as novas linguagens culturais e artísticas nos suportes ocidentais.

[...]

Essa Lei que veio em meio à tristeza é também uma luz de ressurgimento, pois dá oportunidade para as pessoas. Durante a Oficina com a Rita Ximenes, a gente pode ter depoimentos muito positivos, porque no nosso território tivemos muitas perdas, muitas mortes em decorrência da Covid. As pessoas estão em luto, estão tristes; as mulheres que perderam os pais, alguém da família. Para as mulheres que estavam participando da Oficina, esse nosso projeto trouxe uma luz, uma esperança de se curarem; elas diziam que quando participavam da oficina não pensavam em tragédia. O foco era desenvolver coisas bonitas. As mulheres falavam: “a nossa cultura é tão bonita! Eu não enxergava a nossa cultura como uma coisa bonita. A gente tem muita riqueza no nosso território”. Essa Lei veio trazer isto: autoestima, orgulho da nossa cultura e oportunidade de produzir coisas maravilhosas; saber transformar as coisas em algo tão bonito. Isso que as mulheres sentiram na oficina tem algo de ressurgimento, de renovação; de se colocar no mundo na condição de povo Bakairi. A gente tem muita coisa bonita para apresentar. Talvez seja isso a importância da Lei Aldir Blanc, porque não ficou engessada [no sentido] de



Fonte: Acervo do Projeto Kywagã

que o índio tem que fazer; porque às vezes os editais da Funai são engessados ... Talvez essa Lei esteja engessada no tempo de execução, no orçamento; mas tem possibilidades de colocar no papel e fazer, no momento do caos, algo renovador.

A repercussão da oficina

_ [...] despertou muito interesse o *release* que divulgamos na mídia, falando sobre o que é o projeto; o interesse de muitas pessoas do nosso próprio território [...] e de muitas outras etnias de Mato Grosso, querendo participar; muitas etnias entraram em contato comigo, os Nambikwara, por exemplo, tem um projeto (de corte e costura) mais ou menos parecido com o nosso e que é apoiado pela L'Oréal Paris. Nós já estávamos limitando o número de vinte pessoas para participar, devido ao Corona Vírus. Os Kaiapós também nos procuraram. Nós provocamos muito interesse nas pessoas em participar, mas não estamos preparados para alojar tantas pessoas. Então, o projeto ficou entre nós, em dez aldeias do nosso território; foi limitado para as lideranças que cada aldeia escolhesse quem queria participar. Pensamos em agente multiplicador, para que as mulheres da oficina possam multiplicar isso. A procura foi muito grande, mas é limitado o recurso econômico do projeto. Ficou até difícil o deslocamento das pessoas dentro do próprio território. Nós criamos um grupo com as pessoas que participaram da primeira oficina, pois a ideia é de que as participantes desenvolvam o projeto em suas casas; já recebemos fotos de participantes que estão trabalhando com tinta natural e fazendo os próprios carimbos. É gratificante ver esse desenvolvimento. As mulheres não querem ficar paradas. Estamos pensando em fazer mais uma oficina de moda; estamos nessa corrente da moda indígena brasileira. No Edital (Aldir Blanc), nós somos os únicos que estamos trabalhando nisso (com moda).

A comercialização da estamparia Kurâ Bakairi

_ Pensamos em vender por via *online*, estamos desenvolvendo o *site* <iakadu.com>. Sobre o Projeto da moda, minha tia [Darlene] é a responsável. Estamos fazendo um treinamento de empreendedorismo. Dentro desse *site* vai ter lojas virtuais, e dele vai participar não só o meu povo; a Associação Nambikwara vai estar presente e outros povos que têm interesse na venda *online* vão participar.

Oficina de estamparia na aldeia

A moda indígena foi o ponto alto da oficina de estamparia realizada entre 8 e 13 de março de 2021. A realização dessa oficina só foi possível por meio do Projeto Kywagâ que – entre os objetivos – procurou desenvolver linhas de produção da moda indígena Kurâ Bakairi, como afirma Darlene Taukane:

responsável pelo projeto.

A assessora de comunicação do Projeto Kywagâ ressalta que a concepção inicial do Projeto Kywagâ contou com Savana Leão e cuja atuação no campo da moda foi decisiva também para a aprovação do Projeto e contemplação pela Lei Aldir Blanc. Porém, devido a problemas de saúde com uma pessoa da família vitimada pela Covid-19, a estilista Savana precisou afastar-se do Projeto Kywagâ. Apesar da Pandemia, as lideranças indígenas optaram pela continuidade do Projeto Kywagâ com a participação da arte-educadora e artista plástica Rita Ximenes, que ministrou a oficina na aldeia; seguindo todas as recomendações de combate à Covid-19.



Fonte: Acervo do Projeto Kywagâ

Na oficina, as cursistas indígenas aprenderam a desenvolver o batik (arte originária da Indonésia); nessa arte se trabalha o desenho com cera quente, sobre as mais diversas texturas e envolve inúmeras alternativas de aplicação da técnica juntamente com a estamparia.

No *release* à imprensa consta entre os objetivos do Projeto de moda indígena Bakairi: desenvolver peças do vestuário com características próprias da etnia, contribuindo dessa forma com a moda indígena mato-grossense. Espera-se



Fonte: Acervo do Projeto Kywagã

também com comercialização da produção artística contribuir para a geração de renda de mulheres indígenas. A experiência com a Oficina do Projeto Kywagã “significa complementação de renda familiar e mesmo autonomia financeira ou podemos dizer, que é a inserção econômica e social de pessoas excluídas do mercado formal de trabalho”, diz Isabel Taukane. Ela também destaca o fato de que o processo de tingimento e estamparia apresenta um leque de opções que

foram desenvolvidas na aldeia; considerando que as participantes indígenas ao extrair das plantas a tinta para a estamparia respeitam o tempo da natureza em relação a coleta de materiais para a extração de tingimento. Na oficina, as cursistas receberam noções sobre distinguir os tecidos que melhor fixam as cores e todo o processo que envolve o desenvolvimento e aplicação da estamparia.

Com a realização da oficina, espera-se que o grupo de mulheres indígenas Kurã-Bakairi possam desenvolver o gosto pela arte têxtil e produzir peças singulares com características próprias de povo originário.